

5 Conclusão

Concluimos esta nossa pesquisa na consciência de que se trata de uma temática que aponta para além dela mesma. Buscamos ao longo das nossas leituras delinear a escatologia de J. Moltmann na sua compreensão trinitária de Deus. A pergunta por Deus perpassou todos os capítulos de nossa pesquisa, como fio condutor de cada reflexão sobre este tema que trata da escatologia do amor.

A pergunta por Deus é fundamental para a teologia. É dela que se desdobram as demais em seu campo epistemológico. A compreensão de Deus que se tem determina que homem a fé cristã entende e quer, que sociedade, que mundo e que esperança para estes. E mais. No contemporâneo contexto de experiências contrastantes, de movimentos pendulares entre humanização e desumanização, tolerância e intolerância, pontes e muros, vimos que a teologia deve abrir-se ao diálogo com a sociedade a partir de uma compreensão de Deus que se envolve com este mundo e com o homem nele inserido, como uma palavra operativa da esperança. Uma teologia que se presta apenas a comunicar curiosidades arqueológicas a visitantes de museus não tem futuro no complexo contexto social e religioso em que vivemos.

Apontamos os resultados alcançados por nossa pesquisa. Nestes resultados encontramos um processo em aberto, por se tratarem de amor e esperança que encontram seu fundamento no futuro de Deus, que não é distante, inalcançável, ilusório, mas intimamente relacionado com o mundo e a história dos homens.

Num primeiro momento, identificamos que a teologia de J. Moltmann deita raízes em sua experiência de Deus no Abandonado por Deus na cruz. O não-Deus da Guerra encontrou correspondência no Crucificado, e desta correspondência nasce a esperança a partir de uma imagem de Deus que se move em amor por este mundo, sofrendo em solidariedade libertadora com a Sua criação. A partir de sua teologia biográfica entendemos que este mundo e esta história são o lugar onde a teologia deve dialogar como palavra e práxis da esperança, ser capaz de um agir libertador como esforço ecumênico e em diálogo com as demais áreas do conhecimento.

Ressaltamos o caráter escatológico da fé cristã, que tem a esperança como protagonista de sua sistematização e práxis. Um dado fundamental da teologia de J. Moltmann é a sua compreensão de que a revelação de Deus acontece a partir do Seu futuro, e que a história se desenvolve a partir das promessas, cumpridas e lançadas à frente, pois toda revelação do Deus promitente e fidedigno contém um saldo de futuro.

É este Deus quem impulsiona o homem a existir em esperança, lançado à frente, como contradição ao estabelecido e como participação na transformação deste mundo na perspectiva do Seu reino. A questão do discurso sobre Deus ganha, desde esta perspectiva, a sua libertação da mera formalidade conceitual para transformar-se num discurso performativo. Esta perspectiva nasce do encontro com o Crucificado ressuscitado, vivido e refletido por nosso autor nas experiências da guerra e dos campos de prisioneiros de guerra, e ganha forma na sistematização da esperança radicada na promessa que carrega consigo uma reserva escatológica. O futuro de Deus é o fundamento da esperança, cujo lugar de revelação é a ressurreição do Crucificado.

Num segundo momento descrevemos a perspectiva da encarnação deste futuro de Deus no evento da cruz de Cristo. O Deus cristão não é imóvel, impassível, incapaz de sofrer. Com estes conceitos metafísicos, Deus não pode ser testemunhado com coerência num mundo marcado por estruturas de violência e morte, pois seria um deus indiferente, o oposto ao Deus bíblico que sente desde as entranhas pela sua criação. O fundamento da revelação de Deus como Amor que se entrega, sofre e liberta nasce do testemunho bíblico do Evento Pascal de Cristo, de um modo particular. É Cristo, o Filho, quem revela a Trindade na história de Sua entrega pelo Pai e, no Espírito, abre as relações amorosas trinitárias ao mundo, e nesta revelação o cristianismo se compreende como esperança, como um existir escatológico missionário, no sentido de identificação com os vulneráveis, entendido como protagonismo compartilhado para a sua libertação. O Deus Amor compassível desperta, promove e sustenta a esperança.

Acolhendo as consequências da revelação de Deus na cruz e ressurreição de Jesus Cristo, a teologia cristã põe de lado qualquer oposição entre Deus e Deus mesmo, pois o Deus revelado é o que Ele é desde toda a eternidade. Portanto, cada gesto, cada movimento de Deus para fora encontra a sua correspondência para dentro e não somente: mundo e Deus dialogam, o mundo tem algo também a dizer

a Deus e em Deus. A formalidade da relação entre criador e criatura ganha a dimensão de comunhão no amor, que é sustentada pela Trindade. Igualmente corrige um monoteísmo geral na teologia trinitária – que se manifesta na maioria das vezes num modalismo latente – a partir da hermenêutica trinitária da história do envio, entrega e exaltação do Filho em seu Evento Pascal.

O Deus apaixonado entregue na cruz sofre Ele mesmo o absurdo do não-Deus no abandono e na morte, para ser o Deus dos abandonados relegados ao não-Deus das estruturas do mal neste mundo. O Seu sofrimento não significa carência de ser, mas o confirma na superabundância do Seu ser que é Amor, que se traduz em misericórdia e solidariedade.

O Filho erguido no abandono da cruz e lançado no inferno da morte revela o alcance da acolhida de Deus para o Seu outro abandonado, ao mesmo tempo em que sua humanidade resgata o homem de sua desumanidade. O grito do Filho na cruz ecoa como um brado de justiça para este mundo no clamor dos abandonados aflitos pela sua libertação. Nesta história não há outra identificação de Deus, senão que Deus é Amor. Este seu ser Amor é um duplo movimento desde o Seu íntimo para a Sua criação, que vive nele, e da Sua criação à Sua mais íntima comunhão no amor. A gratuidade desse mover amoroso de Deus afasta qualquer necessidade para a economia, pois Deus é Amor desde toda a eternidade, Amor que transforma e cria.

Neste sentido, compreendemos que o *pathos* divino, entendido trinitariamente, tem uma tensão para o futuro. O Crucificado foi ressuscitado. E desde a fé na ressurreição, toda a vida de Jesus Cristo até a cruz ganha significado salvífico e vicário, conosco, para nós e por nós. É o sim de Deus que confirma os gestos de Cristo. É o sim vital de Deus para os mortos. É o sim de Deus do qual nasce a esperança porque é o Seu sim a partir do futuro do Seu amor que padece para libertar, para glorificar, para o louvor. A ressurreição lança luz à cruz e esta é a dimensão da ressurreição. O Crucificado é o Ressuscitado. É a luz da ressurreição que dá o significado do amor convidativo da Trindade a cada opção, ação e palavra, e à cruz como consequência dessas.

Ainda um outro dado. Esta compreensão trinitária de Deus leva a ressignificar o seu discurso, passando da mera especulação para um discurso relacional e performativo, pois a formalidade do conhecimento se amplia à viva relação na história das entregas deste Deus e no acolhimento do mundo por Deus a partir destas entregas. É um conhecimento que nasce do futuro de Deus *experimentado nas*

contradições de fechamento e circularidade das estruturas do mal e do sofrimento vividas pelos agentes da esperança pessoalmente e por solidariedade, e *testemunhado na perseverança* por estes agentes à humanidade. Aqui se compreende o sofrimento de Deus por este mundo e a participação do homem no sofrimento divino por este mundo.

Por fim, apontamos o dado performativo da escatologia do amor, refletindo o enunciado escatológico da revelação-entrega da Trindade e o agir escatológico do homem na dinâmica desse amor.

Vimos que o enunciado escatológico da Trindade é a Sua inabitação na criação. E essa inabitação, inaugurada pela ressurreição do Crucificado, está em curso por obra do Espírito Santo. Este dado escatológico contradiz qualquer configuração da existência cristã como um círculo fechado, pois a escatologia do amor se compreende desde a condição de abertura fundamental deste mesmo amor, que se faz presente no Abandonado pelos e com os abandonados, na ressurreição desse Crucificado como sim da justiça libertadora de Deus e no futuro da plena comunhão livre pela inabitação da Trindade na sua criação.

Da afirmação de que Deus é Trindade no amor convidativo e integrador nasce a convicção de que mundo e Deus não se justapõem e, com ela, o entendimento de que a fé cristã se vive com os pés neste chão, mas em marcha, para frente, para as realidades que ainda não figuram esse mundo, mas que já aconteceram para nós, como saber da esperança. Esse saber da esperança, fundamentado neste amor de Deus, é compartilhado com as esperanças dos homens, abre os seus horizontes para o futuro de Deus, numa perseverante ação de constituição de relações pautadas pela lógica do amor, que se manifesta pelas atitudes de compaixão, misericórdia, solidariedade e fraternidade.

Sendo o Deus cristão compreendido no Evento Pascal de Cristo como Trindade, que não é indiferente ao sofrimento do homem e que liberta do círculo do mal as vítimas e os seus algozes, não poderia figurar o contrário a práxis e a sistematização da fé cristã. O Deus cristão, libertador no amor, cria o homem libertado e libertador neste amor, como Sua imagem e semelhança. Esta libertação promove a justiça para as vítimas, pois o Cristo foi vitimado, o Pai sofreu este sofrimento do Filho no Espírito, tornando-se Pai dos abandonados. Sua ressurreição em chaves trinitárias faz de Sua morte um evento para nós, justificando os algozes para uma nova vida. A reconciliação promovida pela lógica do amor que vai às

consequências do amor ao inimigo figura como a comunhão escatológica de todos e tudo em Deus. A convivência social para a práxis cristã passa pelas vias da solidariedade e da reconciliação, capazes de promover a justiça e a paz. Este é o saldo de futuro do ser cristão neste mundo, que toma para si as realidades de vida de todos, a começar pelos vulneráveis, na dinâmica da solidariedade libertadora, reconciliadora e transformadora.

O amor é, então, o dado escatológico da compreensão cristã de Deus como Trindade e da existência do mundo como obra, destino e convite da parte de Deus para a comunhão plena neste amor. O amor é o específico da esperança cristã, conforme desenvolvido na totalidade de nossa pesquisa.

Nossa pesquisa aponta para o fato de que a compreensão de Deus como Trindade no Evento Pascal de Cristo em J. Moltmann está subjacente à sua compreensão de esperança. Isto se verificou no desenvolvimento de sua reflexão da esperança que se fundamenta na história das promessas realizadas, mas que contém um saldo de futuro, que postulou o Deus promitente e fidedigno. A plena revelação deste Deus promitente e fidedigno, que deita raízes desde o Antigo Testamento, se deu no Evento Pascal de Cristo, de onde conhecemos a Trindade, o Deus que padece com e pela sua criação.

Neste sentido, a Trindade revelada no Evento Pascal de Cristo é o fundamento da esperança, da grande esperança, pois neste evento o futuro de Deus chegou até nós e para ele caminhamos na contramão das contradições deste mundo, em solidariedade com os que caem pelo caminho.

A esperança cristã é essa força vital da fé, que não se traduz em resignação ou fuga do mundo, porque o Deus que fundamenta esta esperança não é indiferente ao drama da existência humana. O mundo dos homens e seus dramas também são os da Trindade, que os assume com a Sua promessa de glorificação futura. Estas compreensões de esperança e de Deus, resultantes de nossas leituras, encontram seu fundamento no Amor que é a Trindade.

A vida cristã, então, é participação na vida trinitária e no Seu envolvimento amoroso com este mundo, como um existir em esperança. Compreende-se como liberdade filial e fraterna no transformar as realidades presentes na lógica do reino de Deus, que é o reino de liberdades que se correspondem no amor, e do Amor que conta com os amados para a libertação integral de toda a criação. Só o Amor liberta, porque sofre em aflição até que todas as estruturas do mal estejam destruídas, e tal

destruição seja anunciada no canto dos libertos, pela correspondência eterna na comunhão da Trindade que neles habita como realidade futura, mas já inaugurada, motivo pelo qual podemos caminhar.